http://journal.unoeste.br/index.php/ch
DOI: 10.5747/ch.2023.v20.h564
ISSN on-line 1809-8207

Colloquium Humanarum

A (DES)ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA E A PRODUÇÃO DA INDISCIPLINA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

Challenges within the public school and the production of indiscipline behavior in high school students

Desafíos dentro de la escuela pública y la producción de comportamientos indisciplinados en estudiantes de secundaria

Raul das Neves Filho[1], Alex Sandro Gomes Pessoa[2] , Neli Henriques Cacozza de Souza[3] , Bárbara Cristina Soares Sena[4]

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo - SP, Brasil

RESUMO
O presente estudo teve como objetivo analisar, a partir da perspectiva de estudantes de ensino médio considerados indisciplinados, as repercussões que a estrutura e a organização escolar têm em seus comportamentos dentro da escola. Para tanto foi realizada uma pesquisa empírica de natureza exploratória-descritiva, fundamentada na abordagem qualitativa e com recorte temporal transversal. Os participantes foram seis estudantes, sendo três meninos e três meninas, na faixa etária de 14 a 17 anos, indicados pela escola por serem considerados indisciplinados. O trabalho de campo foi conduzido em uma escola pública estadual de uma cidade de pequeno porte do interior do estado de São Paulo. A coleta de dados se deu por intermédio das produções de fotografias (classificadas como métodos visuais), entrevistas semiestruturadas e entrevistas reflexivas. Todo o material foi transcrito integralmente e, posteriormente, analisado por meio da Técnica de Análise Temática. Os resultados indicaram críticas contundentes dos estudantes sobre a infraestrutura física da escola, bem como apontaram conteúdos pedagógicos descontextualizados, práticas descontinuadas e relacionamentos interpessoais conturbados, sobretudo com professores. Sumariamente, este estudo indicou que a percepção negativa dos estudantes quanto à estrutura da escola pode estar associada com a produção da indisciplina. Espera-se que o estudo contribua com um aprofundamento mais crítico da compreensão do processo de indisciplina nos ambientes escolares.
Palavras-chave: Escola Pública; Adolescente; Indisciplina; Ensino Médio.

ABSTRACT
This paper aimed to analyze, from the perspective of high school students considered undisciplined, the repercussions that the school structure and its organization has on their behavior within the school context. To this end, empirical research of an exploratory-descriptive nature was carried out, based on a qualitative

[1] Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, Professor da Educação Básica, Mestre em Educação. ORCID id: https://orcid.org/0009-0009-7207-0781 E-mail: raulnevesfilho@hotmail.com
[2] Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Doutor em Educação, Coordenador do Grupo de Trabalho (GT) intitulado "Resiliência, Juventude e Vulnerabilidade" da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). ORCID id: https://orcid.org/0000-0002-9271-8575 E-mail: alexpessoa@ufscar.br
[3] Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), doutoranda em Psicologia, vinculada ao Laboratório de Análise e Prevenção de Violência (LAPREV). ORCID id: https://orcid.org/0000-0002-4250-4149 E-mail: cacozzatrabalhocomfamilias@gmail.com
[4] Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), doutoranda em Psicologia, vinculada ao Grupo de Trabalho (GT) intitulado "Resiliência, Juventude e Vulnerabilidade" da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). ORCID id: https://orcid.org/0000-0002-0164-7004 E-mail: barbara_kristina08@hotmail.com

approach and with a transversal temporal cut. The participants were six students, three boys and three girls, aged between 14 and 17 years old, indicated by the school for being considered undisciplined. Fieldwork was conducted at a state public school in a small town in São Paulo state, Brazil. Data collection took place through the production of photographs (classified as visual methods), semi-structured interviews and reflective interviews. Data was fully transcribed and subsequently analyzed using the Thematic Analysis Technique. The findings indicated strong criticism from students about the infrastructure of the school, as well as pointing out decontextualized pedagogical content, discontinued practices, and conflicted interpersonal relationships, especially with teachers. Summary, this study indicated that the students' negative perception of the school's structure may be associated with the production of indiscipline. It is hoped that the study will contribute to a more critical deepening of the understanding of the process of indiscipline in school environments.
Keywords: Public School; Adolescent; Indiscipline; High school.

RESUMEN
El presente estudio tuvo como objetivo analizar, desde la perspectiva de estudiantes secundarios considerados rebeldes, las repercusiones que la estructura y organización escolar tienen en su comportamiento dentro de la escuela. Para ello se realizó una investigación empírica de carácter exploratorio-descriptivo, basada en un enfoque cualitativo y con un corte temporal transversal. Los participantes fueron seis estudiantes, tres chicos y tres chicas, con edades comprendidas entre los 14 y los 17 años, señalados por la escuela por ser considerados indisciplinados. El trabajo de campo se realizó en una escuela pública estatal de una pequeña ciudad del interior del estado de São Paulo. La recolección de datos ocurrió a través de la producción de fotografías (clasificados como métodos visuales), entrevistas semiestructuradas y entrevistas reflexivas. Todo el material fue transcrito en su totalidad y posteriormente analizado utilizando la Técnica de Análisis Temático. Los resultados indicaron fuertes críticas de los estudiantes sobre la infraestructura física de la escuela, además de señalar contenidos pedagógicos descontextualizados, prácticas discontinuadas y relaciones interpersonales conflictivas, especialmente con los profesores. En resumen, este estudio indicó que la percepción negativa de los estudiantes sobre la estructura de la escuela puede estar asociada con la producción de indisciplina. Se espera que el estudio contribuya a una profundización más crítica de la comprensión del proceso de indisciplina en los ambientes escolares.
Palabras llave: Escuela pública; Adolescente; Indisciplina; Escuela secundaria.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, observa-se uma contenção dos investimentos em Educação na América Latina, ocasionando um ciclo de frequentes reformas educacionais. Essa lógica reformista embasa contingenciamentos nos investimentos e é estimulada pelo setor empresarial transnacional para difundir um modelo educacional utilitarista (Girotto, 2018). Essa influência nos investimentos educacionais traz impactos para o cotidiano das escolas. O Banco Mundial, no relatório *Learning to Realize Education's Promise,* publicado em 2018, pontuou a importância de direcionar recursos públicos para investimentos em infraestrutura e desempenho educacional (World Bank Group, 2018). Ainda assim, a própria instituição supracitada está entre as organizações que têm mediado as reformas dos últimos anos, ocupando uma posição estratégica nas decisões educacionais (Girotto, 2018).

Nesse aspecto, a educação e as escolas brasileiras, apesar das reformas, permanecem enfrentando dificuldades como o uso inadequado de recursos e uma elevada desigualdade educacional entre as escolas (Vasconcelos; Lima; Rocha; Khan, 2021). Esse é um fator importante pois, de acordo com Vasconcelos, Lima, Rocha e Khan (2021), os investimentos impactam a infraestrutura escolar e, consequentemente,

interferem no desempenho acadêmico dos estudantes. Considera-se como infraestrutura escolar "[...] as instalações, equipamentos e serviços necessários para garantir o funcionamento da escola e auxiliar na aprendizagem do aluno" (Garcia, 2014, p. 144).

Esse fator estrutural é fortemente debatido nas pesquisas em educação, pois espera-se que a estrutura escolar possua ambientes e recursos adequados e que consigam atender os estudantes com qualidade, visto que isso está previsto como uma das condições de garantia ao direito à educação previsto na Constituição Federal (Brasil, 1988; Schneider; Frantz; Alves, 2020). Entretanto, o que é visto no Brasil é uma insuficiência de políticas de educação redistributivas e, com isso, uma diferença abismal nas condições das escolas, a depender da sua localidade e perfil socioeconômico dos estudantes (Duarte; Gomes; Gotelib, 2019). Um levantamento realizado pelo Observatório do Plano Nacional de Educação (OPNE) identificou que somente 4,2% das escolas públicas apresentavam todos os itens de infraestrutura previstos pela Política Nacional de Educação. Ao se considerar as escolas com menor nível socioeconômico, esse número cai para apenas 1,6% de itens de estruturas físicas considerados adequados (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2018).

De acordo com o Censo Escolar 2020 (Brasil, 2021), as escolas públicas enfrentam déficit de estruturas fundamentais para seu funcionamento. No ano de 2020, mais de 4 mil escolas não tinham banheiros e mais de 35 mil não contavam com rede de esgoto. Algumas escolas, não possuíam sequer água potável ou energia elétrica (Oliveira; Muller, 2018). Além da estrutura física, considera-se que a infraestrutura escolar também abarca o currículo, os processos de ensino e até mesmo a capacitação de professores. Portanto, trata-se de um conceito polissêmico (Alves; Xavier, 2018).

Dessa forma, além do aspecto físico e estrutural das escolas, um fator que também tem aparecido nos debates educacionais e que interfere diretamente à escolarização são as formas de organização didático pedagógicas, ou seja, como são realizados os processos de ensino e ofertados os conteúdos escolares dentro das escolas públicas. Libâneo (2016) realizou críticas à forma de organização dos currículos, visto que, muitas vezes, são desarticulados das reais necessidades dos estudantes. Consequentemente, as práticas de ensino também se tornam descontextualizadas e resultam em frustrações com relação ao conteúdo acadêmico (Franco, 2016).

Nesse sentido, é preciso, além das condições de infraestrutura, que a escola consiga ofertar práticas escolares que potencializem as reais intencionalidades de um projeto educativo (Franco, 2016). Isso pode interferir na percepção dos estudantes sobre os sentidos atribuídos à aprendizagem e à escolarização (Asbahr; Souza, 2014), levando até mesmo a problemas de indisciplina em sala de aula (Aquino, 1996). Diante dessas condições, os próprios professores não encontram ambientes adequados para o desenvolvimento de suas práticas de ensino. O que se observa, cada vez mais frequente, são discursos de abandono da docência, principalmente, por causa da indisciplina e desinteresse dos estudantes (Souto, 2016).

Com relação a indisciplina, considerada no ambiente escolar como uma incapacidade ou dificuldade do estudante em se adequar aos padrões de comportamento desejados para o convívio considerado como adequado na escola (Marigo, 2007), também pode ser reflexo da desorganização dos diversos aspectos escolares. Entretanto, professores e estudantes podem ter visões diferentes sobre o problema, pois partem de diferentes perspectivas de observação. Segundo Aquino (1996), quase sempre há uma tendência em culpabilizar o aluno pela indisciplina na escola, embora, nem sempre os estudantes tenham consciência de que seus atos podem ser, de alguma forma, considerados indisciplinados. Assim sendo, é preciso levar em consideração a pluralidade na compreensão dos conceitos de disciplina e indisciplina para não cair no senso comum e nem nas armadilhas das visões hegemônicas que culpabilizam unicamente os estudantes pelos seus atos considerados indisciplinados.

Ainda dentro dos discursos sobre a indisciplina, é possível identificar análises pautadas em visões inatistas ou naturalistas sobre o fenômeno. Nessas perspectivas, os comportamentos indisciplinados são atribuídos a algum tipo de patologia do indivíduo (Rego, 2016). Neste caso, ao invés de sanções disciplinares, uma alternativa recorrente, usada como forma de controle do comportamento do estudante considerado indisciplinado, seria o uso da medicalização. Souza (2015) alerta para o fato de que, em tempos de neoliberalismo, o diagnóstico de transtornos de aprendizagem e a consequente medicalização são frequentemente utilizados para justificar a não aprendizagem e a indisciplina do estudante. Para a autora isso representa um retrocesso, pois tal postura desconsidera as dificuldades vividas pelo estudante no contexto social e até as condições das próprias instituições escolares.

Como se percebe, os modelos explicativos da indisciplina são pautados na lógica dominante e estão centrados nos indivíduos (ou em suas famílias) como únicos geradores do problema e, portanto, são discursos insuficientes para explicar os motivos que causam a indisciplina em sua complexidade, pois desconsideram a situação de vulnerabilidade social nas quais estudantes estão inseridos, especialmente no caso de estudantes de escolas públicas (Pessoa; Coimbra, 2016). Nesse sentido, Pessoa e Coimbra (2016) argumentam que o conhecimento sobre a indisciplina na escola, pautado na visão hegemônica e tradicionalista, se limita a estabelecer descrições dos comportamentos considerados inapropriados e atribuir relações causais para explicar a sua origem, não se preocupando efetivamente com os sentidos da escolarização na vida do estudante submetido em um contexto de desigualdade social.

Como visto, a escola pública brasileira tem se mostrado como um ambiente de contradições e conflitos, além de ser extremamente desigual em sua constituição (Girotto, 2018). O tema da indisciplina, por sua vez, tem sido abordado por meio de paradigmas individualizantes, cuja responsabilização recai unicamente aos estudantes considerados indisciplinados, desconsiderando todos os outros fatores presentes nas instituições educacionais, especialmente as públicas. Diante disso, o presente estudo objetiva analisar, a partir da perspectiva de estudantes de ensino médio, as repercussões que a estrutura e a organização escolar têm em seus comportamentos de indisciplina dentro da escola.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente estudo refere-se a uma investigação exploratória-descritiva, fundamentada na abordagem qualitativa e centrou-se nas inter-relações sociais dos sujeitos participantes no que diz respeito aos seus motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes em relação à escola (Minayo, 2001).

A pesquisa foi conduzida numa escola pública estadual, de uma cidade de pequeno porte do interior do estado de São Paulo. Com relação aos participantes, solicitou-se que a escola indicasse estudantes considerados indisciplinados, matriculados no Ensino Médio e com frequência regular na unidade escolar. Em síntese, dos 22 estudantes que foram indicados pela escola, 6 (seis) foram selecionados por atender aos critérios de inclusão. Destes, três eram meninos e três meninas, na faixa etária de 14 a 17 anos.

Para a coleta de dados, a pesquisa empregou os seguintes instrumentos ou técnicas:

1) Produção de fotografias - trata-se de um método reflexivo, apoiado nos métodos visuais, cujo participante compartilha a definição dos significados da imagem, possibilitando a aproximação do pesquisador às experiências dos participantes de maneira aprofundada (Harper, 2002). A técnica utilizada na pesquisa foi inspirada no trabalho de Liebenberg (2009). Na presente pesquisa, as fotografias foram produzidas pelos próprios estudantes, com base no cotidiano da escola, por intermédio de equipamento de telefone celular e compartilhadas com o grupo pré-selecionado, por meio do aplicativo *WhatsApp*, que permitiu o compartilhamento das imagens na rede social mais utilizada pelos adolescentes. A principal orientação foi de que os estudantes fotografassem as reais situações vivenciadas na escola. Posteriormente, todas as fotografias foram renomeadas com a indicação do participante que a realizou e uma legenda explicativa contendo a descrição do que se vê na imagem. O Quadro 1, a seguir, apresenta dados sociodemográficos dos participantes, bem como a quantidade de fotos produzidas no trabalho de campo:

Quadro 1. Número de fotos, por participante

Participantes	Gênero	Idade	Série	Quantidade de fotos produzidas
Participante 1	Menino	17 anos	2ª Série EM	28 Fotos
Participante 2	Menino	15 anos	1ª Série EM	26 Fotos
Participante 3	Menina	17 anos	3ª Série EM	08 Fotos
Participante 4	Menino	17 Anos	3ª Série EM	06 Fotos
Participante 5	Menina	14 anos	1ª Série EM	11 Fotos
Participante 6	Menina	17 anos	3ª Série EM	04 fotos

Fonte: Os autores.

2) Entrevistas semiestruturadas e entrevistas reflexivas - no primeiro momento, foram realizadas entrevistas individuais com cada adolescente tomando por base as fotos que foram tiradas e o roteiro

semiestruturado. No segundo momento, os conteúdos trazidos pelos participantes foram rediscutidos com base em entrevistas reflexivas, de modo que os conteúdos fossem mais bem explorados, permitindo que eventuais dúvidas ou incompreensões da equipe de pesquisa fossem corrigidas (Santos; Pessoa, 2018; Gracino *et al.*, 2023). No final da entrevista individual, cada participante escolheu, entre as fotografias tiradas por eles, apenas duas, consideradas as mais representativas de suas experiências no contexto escolar, sendo uma para o aspecto considerado mais negativo e outra para o aspecto considerado mais positivo.

Para a análise dos dados foi utilizada a Técnica de Análise Temática (AT) (Braun; Clarke, 2006), que consiste em identificar, analisar, interpretar e descrever padrões em conteúdos derivados de pesquisas qualitativas. Braun e Clarke (2006) propõem sua sistematização em seis fases: 1) Familiarização com os dados; 2) Elaboração de códigos iniciais; 3) Identificação de temas; 4) Reavaliação dos temas; 5) Definição e nomeação dos temas; e, por fim, 6) Produção do relato científico da análise.

Por fim, com relação às questões éticas, a pesquisa foi desenvolvida consonante com as diretrizes estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde, em sua Resolução nº 510/2016. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE nº 80119417.5.0000.5515). Para participar do estudo, os responsáveis legais dos estudantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), expressando concordância com os procedimentos metodológicos, bem como os adolescentes demonstraram concordância por meio do Termo de Assentimento (TA). Destaca-se ainda que os nomes dos participantes são fictícios, a fim de garantir o sigilo e a privacidade dos mesmos.

RESULTADOS

A partir da análise dos conteúdos emitidos pelos participantes nas entrevistas, bem como a partir das reflexões entre a equipe de pesquisadores envolvidos neste estudo, emergiram temáticas alinhadas ao objeto da pesquisa. Sumariamente, a Análise Temática empregada revelou críticas dos estudantes com relação à estrutura da escola, o que por hipótese, pode estar associado com a produção da indisciplina.

Nas entrevistas, as falas dos participantes evidenciaram que eles percebem que há problemas estruturais na escola que vão além da capacidade da equipe gestora ou da própria comunidade escolar para saná-los. Criticaram, complementarmente, conteúdos pedagógicos descontextualizados e práticas descontinuadas, que culminam em uma péssima qualidade da educação a eles oferecida. Para completar esse quadro caótico, os participantes teceram críticas aos profissionais da educação, especificamente com relação a conflitos que, na percepção dos estudantes ocorre devido a desinteresse, baixo envolvimento com o trabalho e até desrespeito. Assim sendo, apesar de reconhecerem as estruturas precárias da educação pública, há uma tendência entre os estudantes de atribuir o problema da indisciplina a terceiros, como os profissionais da escola, de forma descontextualizada.

Crítica à estrutura da escola

Nesta temática foram abordadas questões referentes à estrutura e organização da escola. Os estudantes foram unânimes nesta questão e deixaram transparecer em suas falas que percebem que a escola não apresenta uma estrutura adequada para que possam estudar com qualidade. Durante as entrevistas, foram citados vários problemas estruturais, como falta de porta nos banheiros, torneiras quebradas nos banheiros e nos bebedouros, paredes pichadas, teto com infiltração e dificuldades de acesso a alguns ambientes, por estarem fechados para os estudantes. Além desses problemas, foram citados inúmeros outros, entre eles, a falta ou os defeitos em equipamentos e materiais escolares diversos, como cadeiras e carteiras quebradas e cortinas rasgadas.

Chama atenção que cinco dos seis estudantes tenham tirado pelo menos uma fotografia demonstrando aspectos que evidenciam o estado precário da estrutura física da escola. As Figuras 1, 2 e 3 exemplificam o conteúdo central desta temática.

Figura 1. Manchas de infiltração de água da chuva no teto da escola



Fonte: Os autores.

Figura 2. Cortinas rasgadas em salas de aula



Fonte: Os autores.

Figura 3. Banheiro feminino sem portas nos boxes individuais



Fonte: Os autores.

Foram destacados, a partir das entrevistas, alguns trechos dos conteúdos trazidos pelos participantes e que caracterizam uma crítica à estrutura da escola e a percepção que têm das defasagens e problemas estruturais que assolam a qualidade da educação que recebem. Mas, como pode ser notado, as críticas não ficaram restritas à dimensão do ambiente físico (fortemente destacado nas imagens). Pelo contrário, na análise das entrevistas, diversos outros aspectos foram mencionados pelos participantes.

> *Às vezes* [o pátio] *está uma baderna, às vezes está bagunçado, sujeira no chão (Joshua).*
> *Ah... Eu falei assim: "eu vou tirar essa foto porque é alguma coisa ruim* [carteira quebrada]*, né?" Porque alguma pessoa pode ir ali sentar... E pode cair nela, pode se machucar! (Billy).*
> *Tipo, só tem dois banheiros no máximo, tipo três que tem porta. Se vai um tanto de gente, sempre fica um tumultuo na porta, um esperando o outro [...] (Bete).*

Ao ser questionada sobre quais seriam as dificuldades para fazer a manutenção nas portas do banheiro, uma estudante respondeu que talvez fosse a falta de verba. Essa resposta revela a percepção da participante de que há um problema estrutural envolvido na questão, uma vez que a ausência de reformas e manutenções podem estar associadas com a ausência ou escassez de recursos, e não necessariamente por incapacidade dos gestores. Joliet demonstrou indignação com esse problema das portas dos banheiros:

> *As portas do banheiro das meninas que não tem. Tem que ficar fazendo xixi com as portas abertas... Porque não tem. [...] É que nem no meu caso, eu só faço xixi quando não tem ninguém no banheiro por conta das portas serem assim. [...] Para uma ficar esperando para avisar se caso vem vindo alguém (Joliet).*

O estudante Nelson, que não produziu nenhuma fotografia no contexto dessa temática, fez críticas em relação à estrutura da escola durante as entrevistas. Aliás, ele foi além dos problemas estruturais e fez críticas ao sistema, apontando possíveis desigualdades existentes entre as diversas escolas nas quais ele já havia estudado.

> *[...] Então eu acho que eles não estão focando em todas as escolas do estado em si, mas sim em apenas alguns pontos por onde tem escolas que já demonstraram há algum tempo, um desempenho melhor. Mesmo se a escola é ruim ou boa, eles deveriam ver ela como a mesma [...] porque se a escola é boa, é porque a qualidade do ensino é melhor. Se a escola é ruim, a qualidade do ensino é inferior àquela escola boa. Então acho que eles deveriam dar a mesma coisa (Nelson).*

No trecho destacado, o estudante faz uma clara crítica à estrutura da escola e dá indicativos de que percebe o quanto as políticas públicas podem ser baseadas em prerrogativas meritocratas. Percebe-se que ele questiona a lógica do sistema excludente e desigual, mesmo sem ter clareza de como utilizar os argumentos necessários para tal. Assim, ele reconhece que há uma divisão clara nas escolas brasileiras e faz uma crítica a essa realidade nefasta. Portanto, corroborando a hipótese da presente pesquisa, pode-se observar que a presença frequente de problemas estruturais na escola, interfere nos sentidos atribuídos ao ensino e aprendizagem. Isso pode refletir diretamente no comportamento dos estudantes e ser uma possível explicação para problemas de indisciplina dentro desse ambiente escolar deteriorado.

Conteúdos pedagógicos descontextualizados e práticas de ensino descontinuadas

Nesta temática, foram abordadas questões referentes à organização do trabalho pedagógico na escola. A análise evidenciou que os conteúdos pedagógicos, de acordo com os estudantes que participaram da investigação, são descontextualizados e que algumas práticas de ensino são interrompidas sem justificativa ou aviso prévio aos estudantes. Em outras palavras, os estudantes percebem que não há uma relação entre o que se ensina com as suas reais necessidades de aprendizagens. Eles também percebem que algumas práticas de ensino são descontinuadas, como quando, por exemplo, iniciam alguma atividade e não a finaliza posteriormente. Isso implica questionamentos sobre a real importância dos conteúdos pedagógicos em suas vidas e produz um sentimento de inutilidade em relação ao conteúdo que é ensinado.

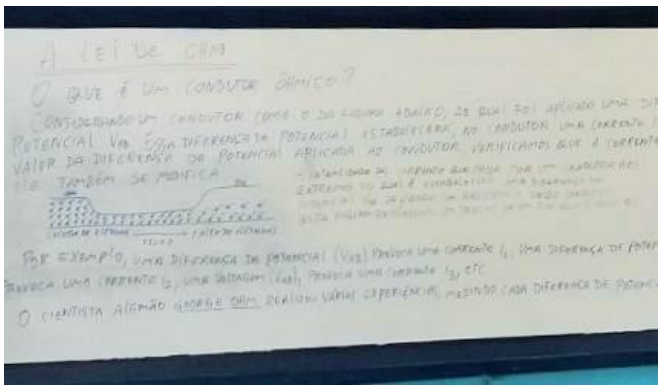
Algumas fotografias feitas pelos estudantes na coleta de dados foram utilizadas para ilustrar essa temática (Figuras 4 e 5). Billy e Judith, por exemplo, fotografaram meninos mexendo no celular durante a aula, dando indicativos de que a aula talvez não fosse suficientemente interessante para que prestassem atenção. Nelson fotografou uma lousa cheia, com textos, característica de uma aula tradicional, na qual o professor passa a matéria na lousa e espera que o aluno copie para, em seguida, proceder com a explicação expositiva.

Figura 4. Praticando jogos virtuais com o telefone celular durante a aula



Fonte: Fonte: Os autores.

Figura 5. Lousa cheia de textos, característica central de aulas expositivas



Fonte: Os autores.

Verificou-se que cinco, dos seis estudantes participantes, falaram de problemas da falta de contextualização dos conteúdos pedagógicos e da descontinuidade de algumas práticas de ensino que foram abruptamente interrompidas. Joshua, por exemplo, afirmou que nem sempre os professores se preocupam em verificar se os alunos estão, de fato, compreendendo os conteúdos ministrados. Billy disse que os professores não conseguem contextualizar as aulas de modo a deixá-las mais convidativas aos estudantes. Joliet argumentou que as aulas geralmente são chatas e desinteressantes, ou como ela mesma disse "*Não tem nada a ver*". Sua opinião vai ao encontro do comentário de Billy, sobre certo despreparo dos professores para contextualizar as aulas e deixá-las mais interessantes. Na mesma direção, Judith explicou que se sente perdida e, muitas vezes, não compreende o que está se passando na sala de aula. Não consegue acompanhar a sequência didática e, por consequência, perde o interesse pela aula.

> **Pesquisador:** *O que você acha que poderia ser diferente para que as aulas fossem mais interessantes?*
> **Judith**: *Ah! O interesse dos alunos é em uma aula mais comunicativa!*

Bete disse que gostaria de ter aula no laboratório de química, mas que a sua professora nunca levou sua turma para lá. Ela não soube explicar se o problema seria a falta de planejamento da professora, a falta de equipamentos necessários para a aula ou outro motivo qualquer. Por isso, demonstrou descontentamento com a situação e afirmou que problemas assim são frequentes. Nelson também percebe que alguns professores não conseguem contextualizar suas aulas com a realidade e os interesses dos estudantes. Ele chega a citar o fato de um professor usar exaustivamente as notícias dos telejornais na tentativa de contextualizar as suas aulas, porém sem êxito.

> *[...] existe séries que contextualiza [...]. Então ele poderia ficar por dentro disso. Mas não, ele só fica falando sobre jornais. Então isso faz com que o aluno vê o professor como um simples ensinador. Porque ele não está ensinando nada que o aluno já não saiba; e se quisesse saber sobre o mundo, assistiria jornal [...] Alguns professores só dizem o que estão na apostila e já era. Não dão exemplo que podem ser tipo... Um jogo de futebol, explicando o que acontece ali, como matemática usando a forma que a bola chega a um jogador... (Nelson).*

A estudante Bete reclamou da falta de continuidade de algumas atividades escolares que lhe despertavam o interesse. Questionada sobre o significado da imagem que ela mesmo produziu (de um canteiro, aparentemente limpo, mas sem o devido cuidado para receber o cultivo de hortaliças – ver Figura 6), a estudante fez o seguinte comentário:

> *[...] Tipo assim, o coordenador da escola passou falando que ia chamar os alunos e que ia ter um projeto, mas isso não continuou (Bete, entrevistas).*

Como visto, os dados empíricos levantados a partir da fala dos participantes trouxeram críticas, ainda que indiretas, às ações educativas e práticas adotadas na escola. Se o currículo está empobrecido, esvaziado de sentidos e não há continuidade nas ações pedagógicas, como a escola poderia produzir sentidos genuínos de aprendizagem nos estudantes? Retoma-se, assim, a hipótese inicial desta investigação: os estudantes podem se tornar indisciplinados como forma de resistência ao se depararem com conteúdos escolares desprovidos de sentidos pessoais.

Percepções negativas quanto aos profissionais da educação

Nesta temática, foram abordadas questões do cotidiano escolar, como a convivência e relacionamento interpessoal envolvendo estudantes e profissionais da educação. Os resultados obtidos na coleta de dados indicaram a existência de conflitos nestas relações, que podem, de alguma forma, reverberar no comportamento dos estudantes. Acredita-se, com base na literatura consultada e nas temáticas apresentadas anteriormente, que tanto os profissionais quanto estudantes se encontram desmotivados diante das péssimas condições de trabalho, repercutindo nos relacionamentos interpessoais.

Na análise, percebeu-se uma crítica contundente aos profissionais da educação. Na Figura 6, vários estudantes aparecem descendo para o refeitório sem a supervisão de um profissional no local. Para Bete, autora da fotografia, a fila fica desorganizada em razão da falta de um profissional responsável para manter a ordem necessária para uma boa convivência entre os estudantes.

Figura 6 - Desorganização dos estudantes na fila para o refeitório



Fonte: Os autores.

Ainda em relação aos funcionários da escola, nas entrevistas eles também foram criticados por falta de compromisso ou baixo envolvimento com o trabalho.

> **Pesquisador:** *Fale-me dessa foto, por gentileza.*
> **Bete:** *Ah, tipo assim, na hora do recreio, as pessoas, os alunos estão desorganizados; né? Acho que devia ter um pouco mais de orientação dos funcionários da escola. [...] muito aluno pra pouco funcionário [...] Como eu disse, lá embaixo não fica muito funcionário, e daí na hora que os alunos começam a brigar... E daí tá aqui em cima o funcionário e demora pra descer. E quando foi ver, já foi... (Bete).*

Nas entrevistas ficou ainda mais evidente a insatisfação dos estudantes, na medida em que os participantes foram unânimes em fazer algum tipo de crítica aos profissionais. Entre as mais comuns destacaram-se o suposto desinteresse dos professores, a falta de compromisso com o trabalho, o despreparo e desrespeito com os estudantes.

> *Eu percebo que ela* [a professora] *não foca num aluno só. Ela quer focar no grupo. Isso desfavorece bastante o aluno que quer aprender. Mesmo que ele tenha dificuldade (Nelson, entrevistas).*

> **Pesquisador:** *Você já teve problemas de conflito com algum funcionário?*
> **Joshua:** *Sim já, já!*
> **Pesquisador:** *Poderia me dar exemplo deste tipo de conflito?*
> **Joshua:** *Eu estava com vontade de ir ao banheiro e a professora não deixou. E estava na aula e no horário de ir ao banheiro. Aí acabou rolando um conflito.*
> **Pesquisador:** *E daí? O que aconteceu no caso?*
> **Joshua.** *Acabei desobedecendo. (Entrevistas)*

Joshua afirmou que muitos profissionais não se preocupam em estabelecer um vínculo com os estudantes. Para ele, alguns professores simplesmente passam a lição na lousa e não se importam se os

estudantes encontram sentido no conteúdo apresentado. Billy também criticou os profissionais que, em sua opinião, não se importam com o comportamento inadequado dos estudantes, o que foi similar com excertos da entrevista de Nelson. Para ele, é preciso ser mais rígido e exercer um controle mais eficaz sobre os estudantes quando estes não estão dispostos a obedecer.

O conjunto das falas dos participantes evidenciou que os estudantes, taxados como indisciplinados, não compreendem que os funcionários da escola dedicam-se adequadamente as suas funções, o que gera também um distanciamento e rejeição dos estudantes ao próprio contexto escolar Assim, a baixa qualidade nos relacionamentos dos estudantes com os profissionais da educação, em especial os professores, podem explicar, ainda que parcialmente, como se origina e se perpetua a indisciplina no contexto escolar.

DISCUSSÃO

A análise das entrevistas forneceu indicativos de que a percepção dos estudantes vai ao encontro da compreensão de que a escola está imersa em profundos problemas estruturais que perpassam temas como estrutura e as condições de ensino. Os resultados permitiram inferir que a precariedade da escola, somado aos conteúdos descontextualizados e a percepção de que os profissionais da educação estão alheios às necessidades dos estudantes, podem se associar com a produção da indisciplina no contexto escolar.

Em outras palavras, na percepção dos estudantes, a escola não está preparada para atendê-los de forma plena. Foram apontadas inúmeras fragilidades que perpassam desde problemas estruturais em seu aspecto físico, até outros mais complexos como a má distribuição de recursos, a falta de planejamento, as dificuldades na gestão, a escassez de recursos humanos e a falta de preparo dos profissionais da educação. Além dos problemas estruturais, os estudantes questionaram as desigualdades de oportunidades e as diferenças entre os diversos sistemas educativos.

Os problemas estruturais merecem ser destacados, pois refletem a falta de investimentos e de políticas educacionais bem planejadas. Carteiras quebradas, cortinas rasgadas, pichações e outras depredações no ambiente escolar são apenas sintomas de um problema maior. Há muito tempo já tem sido apontado o quanto o sistema educacional brasileiro e, consequentemente, as instituições de ensino, geram obstáculos para alcançar seus próprios objetivos. Além do excesso de burocracia, as escolas apresentam problemas estruturais frequentes e uma formação inadequada dos seus profissionais (Patto, 1999), problemas esses pontuados pelos participantes da presente pesquisa. De acordo com Patto (1999), esses fatores indicam que não se pode atribuir responsabilidade pelo fracasso escolar apenas aos estudantes, especialmente se forem oriundos de contextos de desigualdades de oportunidades.

Além disso, uma escola com tantos problemas estruturais, como os apontados pelos participantes, dificilmente produzirá sentidos genuínos de aprendizagem. Essa falta de sentidos, discutida por Asbahr (2011), reflete no comportamento dos estudantes e pode explicar, ainda que parcialmente, o

problema da indisciplina. Assim sendo, talvez a escola não seja capaz de estabelecer com clareza quais são seus objetivos e finalidades na oferta de educação para seus estudantes. Essa falta de objetivo e finalidade da escola pode refletir no comportamento dos estudantes, taxados como indisciplinados.

Entende-se a indisciplina como uma questão recorrente em sala de aula (Aquino, 1996). Entretanto, em uma escola marcada por problemas estruturais, desigualdades de oportunidades e socialmente desvalorizada, não se pode atribuir tão somente aos estudantes a responsabilidade pelo seu comportamento tido como indisciplinado. Ainda na contramão da afirmação de Aquino (1996), o que se viu nas entrevistas foi que os estudantes não são passivos diante da sua situação na escola, porém, a postura crítica dos estudantes pode ser entendida como manifestação de indisciplina pelos profissionais da educação (Marigo, 2007).

Durante as entrevistas os estudantes trouxeram indicações de que seus comportamentos de indisciplina são manifestações contra as invisibilidades impostas pela escola. A desobediência às regras é uma clara demonstração de que eles sentem a necessidade de serem vistos. Entretanto, essa contradição não necessariamente significa tão somente rebeldia dos estudantes em relação à escola, mas pode indicar uma atitude de resistência, como exposto por Pessoa e Coimbra (2016). Diante das injustas condições que a escola impõe aos estudantes, por meio do enfrentamento eles conseguem, ao menos, tentar superar as adversidades do cotidiano escolar. Assim, é preciso levar em consideração a pluralidade na compreensão dos conceitos de disciplina e indisciplina para não cair no senso comum e nem nas armadilhas das visões hegemônicas que culpabilizam unicamente os estudantes pelos seus atos considerados indisciplinados (Aquino, 1996).

Este estudo também possibilitou a compreensão de que sem objetivos bem definidos e finalidades claras, a escola reproduz conteúdos pedagógicos fora do contexto do interesse dos estudantes, bem como desenvolve práticas de ensino descontinuadas e desconectadas da sua realidade. Asbahr e Souza (2014), investigando o processo de atribuição de sentido pessoal à atividade de estudo de estudantes do Ensino Fundamental, concluíram que as ações de estudo devem ser consonantes com um sentido pessoal correspondente aos motivos e aos significados sociais da própria atividade desenvolvida. Para as autoras, essa é uma condição fundamental para que a aprendizagem, voltada para a promoção do desenvolvimento humano, possa ocorrer. Entretanto, na fala dos estudantes, constatou-se que eles percebem que os conteúdos escolares são descontextualizados da realidade de sua vida cotidiana.

Oliveira e Müller (2018) pontuaram que estudantes considerados indisciplinados justificam seus comportamentos como resultado de fatores como: conteúdos escolares descolados da sua realidade, autoritarismo e uso de metodologias tradicionais de ensino, falta de dinâmica nas aulas. Os participantes da presente pesquisa, considerados pela escola como indisciplinados, relataram perceber, por exemplo, a existência de práticas de ensino que são interrompidas sem qualquer motivo aparente, causando frustrações e desmotivações. Essas descontinuidades nas práticas de ensino provocam nos estudantes a sensação de que o que se ensina não tem qualquer valor. Consonante com a percepção dos estudantes, de

que os conteúdos escolares são descontextualizados da realidade, Libâneo (2016) critica o que ele chama de currículo instrumental ou de resultados, cuja finalidade seria desenvolver um conjunto de habilidades de sobrevivência social para empregabilidade precária dos estudantes. Para ele, o currículo é desprovido de conteúdos culturais e científicos relevantes e da formação do pensamento livre.

Quanto às práticas de ensino descontinuadas, Franco (2016) assevera que a prática docente avulsa, desconectada, sem ligação com o todo, perde o sentido e a direção. Assim sendo, os estudantes se frustram quando percebem que algumas práticas de ensino são interrompidas, deixando uma sensação de que as atividades desenvolvidas não tinham qualquer relação com o conteúdo que deveria ser ensinado. É como se as atividades interrompidas não tivessem nenhum valor e não fossem capazes de produzir um significado social. Em outras palavras, o que se ensina na escola deve ter objetivos bem definidos e finalidades claras, em uma perspectiva de formação plena dos sujeitos.

Também as imagens que ilustraram essa temática reafirmam o que foi dito pelos participantes nas entrevistas. O estudante se distraindo ao celular durante uma aula demonstra que ele não está nem um pouco interessado nos conteúdos escolares. A lousa cheia de conteúdos na forma de texto para copiar remete à ideia de transmissão de conhecimento nos moldes de uma educação bancária, conforme explicitada por Freire (1987). Nessa linha de pensamento, Martins (2013) ressalta que a transmissão dos conhecimentos historicamente sistematizados não deve sobrepor a condição de humanização dos indivíduos. Isso significa que, indubitavelmente, desenvolver o aspecto cognitivo do estudante é importante, mas não mais do que criar as condições para que ele possa ser completo em si mesmo. Sem essas condições de humanização, os indivíduos podem se tornar totalmente oprimidos, serem "coisificados", sem vontade própria, sem sonhos e sem aspirações (Freire, 1987).

Como visto, ao analisar os comportamentos de indisciplina dentro do ambiente escolar, é preciso considerar os diferentes aspectos que podem estar associados ao fenômeno. Dessa forma, é possível superar a tendência educacional de culpabilizar apenas o estudante pela indisciplina, visto que, muitas vezes, ele nem tem consciência de que seus atos podem ser considerados inadequados (Aquino, 2016). O reflexo dessa visão estereotipada focada no indivíduo pode ser percebido quando o estudante não corresponde aos padrões de comportamento considerados adequados pela escola. Diante deste fato, não restaria alternativa ao professor, senão exercer um controle autoritário, inclusive com sanções sobre o estudante (MARIGO, 2007).

Entretanto, como visto nos dados desta pesquisa, os estudantes vivenciam cotidianamente situações e barreiras estruturais e organizacionais básicas que interferem diretamente no seu processo de aprendizagem e no próprio comportamento dentro da escola. Nesta direção, observa-se a importância de estudos que deem voz a eles, pois, como indicado por Pessoa e Coimbra (2016), o estudante é um ser social e não deve ter seus problemas resumidos somente a aspectos naturalizantes do comportamento tido como inadequado. Para tanto, é preciso buscar mecanismos para ouvi-lo e, desse modo, considerar seu ponto de vista, suas aspirações e sentidos pessoais para o seu processo de escolarização.

Na análise da terceira e última temática, evidenciou-se na fala dos participantes que, em um ambiente precário, as relações interpessoais também se tornam socialmente desvalorizadas. Dessa forma, os estudantes não encontram na escola motivos geradores de sentidos pessoais e apresentam desmotivação e desinteresse escolar. Como uma das possíveis consequências observa-se diversos conflitos de natureza interpessoal e de comportamentos indisciplinados.

Estudos recentes confirmam que, na escola, as relações entre professores e estudantes estão desgastadas. Souto (2016) verificou que 53% dos profissionais licenciados em Matemática não estão ou não pretendem continuar exercendo a profissão docente. Segundo a autora, a justificativa para o abandono da docência no ensino básico apontada pelos professores pesquisados foi a dificuldade em lidar com a indisciplina e falta de interesse dos estudantes. Em uma pesquisa realizada pela Organização para a de Desenvolvimento Econômico (OCDE) em 2013, os estudantes brasileiros lideram o índice como os mais indisciplinados, sendo que a intimidação verbal de professores está no topo do ranking de problemas de indisciplina enfrentados pelos profissionais da educação. A versão de 2018 indicou que os professores do ensino médio consideram que, aproximadamente, 30,6% dos estudantes têm “problemas de comportamentos”. Quanto às situações mais frequentes, os professores relatam a presença de vandalismo e danos físicos causados por violência entre os alunos (OECD, 2018).

Entretanto, como já indicado, é necessário também analisar a percepção dos estudantes sobre esses aspectos, visto que existem múltiplos fatores envolvidos nas relações escolares. A própria formação inadequada dos professores e o currículo escolar defasado são dimensões importantes a serem analisadas, porém, a culpabilização por comportamentos indevidos segue recaindo apenas aos estudantes (Oliveira; Müller, 2018). Ainda é preciso destacar que a reflexão também não deve recair na individualização do problema sobre os professores, visto que eles também enfrentam diversas dificuldades na sua prática profissional. O mal-estar docente, descrito por Esteves (1999), pode estar na base do suposto desinteresse e falta de compromisso dos professores na realização do seu trabalho. Entre os diversos motivos apontados pelo autor para esse mal-estar estão o aumento das exigências em relação ao papel do professor. Isso faz o profissional estar constantemente sujeito a críticas, tornando-se desmotivado para desempenhar sua função (Pereira, 2017).

Quanto ao suposto desrespeito aos profissionais, Silveira (2018) aborda a questão da relação professor aluno em uma perspectiva Gramsciana, segundo a qual, é uma relação de natureza dialética. Tal posicionamento indica que se o aluno vê o professor, em meio a tantas mazelas, como um profissional desmotivado, despreparado e desinteressado, provavelmente é de forma semelhante que ele também é visto pelos docentes. Vasconcelos (2017) salienta que os membros da comunidade escolar se culpam mutuamente e não permitem uma crítica construtiva. Ao que parece, há certo “enfrentamento” nas relações interescolares, manifestado pela dificuldade de boa convivência entre os diversos atores. É possível que esse “enfrentamento” seja um dos fatores responsáveis pelas manifestações de indisciplina na escola.

O conjunto das temáticas permitiu uma análise que abrange diferentes variáveis para explicar a indisciplina escolar. Nas análises realizadas, buscou-se retirar dos estudantes a carga de responsabilidade que permite culpá-los pelo comportamento considerado inadequado na escola. Por hipótese, considerou-se que a postura crítica dos estudantes em relação à estrutura da escola, aos conteúdos pedagógicos e práticas de ensino, aos profissionais da educação e aos pares, pode estar relacionada a uma atitude de enfrentamento dos estudantes em relação à escola e a tudo de precário que ela pode representar para eles (Pessoa; Coimbra, 2016).

CONCLUSÃO

O objetivo proposto pelo estudo foi de analisar, a partir da perspectiva de estudantes de ensino médio, as repercussões que a estrutura e a organização escolar têm em seus comportamentos indisciplinados dentro da escola. Como postulado, para considerar a perspectiva dos estudantes nesta pesquisa, foram utilizados métodos ainda pouco explorados na pesquisa em educação. A coleta de dados foi realizada por meio de fotografias, tiradas pelos próprios participantes. Durante a coleta de dados, os estudantes se envolveram ativamente no processo de fotografar a escola, buscando captar aspectos positivos e negativos que eles próprios identificam na instituição. Com isso, puderam perceber, ainda que momentaneamente, que é possível ver além das aparências e questionar algumas condições que, até então, pareciam ser imutáveis.

Os resultados evidenciaram que, ao contrário do que se podia imaginar, os estudantes não estão alheios ao seu processo de escolarização e muito menos às suas necessidades de aprendizagens. A crítica às estruturas configura-se como um dos elementos centrais nas falas dos estudantes. Conforme apresentado, rechaçam a estrutura da escola que, segundo eles, seria insuficiente para garantir-lhes uma educação de qualidade, além de criticarem os profissionais e mencionarem conteúdos pedagógicos descontextualizados e práticas de ensino descontinuadas. Dessa forma, foi possível perceber que a falta de estrutura e a (des)organização da escola pública também é considerada pelos estudantes como determinante para o insucesso na aprendizagem e para comportamentos considerados indisciplinados.

Isso foi demonstrado cabalmente em suas críticas quanto à organização da escola e até mesmo ao sistema que não atende de modo igualitário a todos os estudantes. Os estudantes também falaram sobre os conteúdos pedagógicos descontextualizados com a sua realidade e sobre a descontinuidade de práticas de ensino na escola. Todos esses problemas, de modo sincronizado, podem ter influenciado os estudantes a criticarem os profissionais, na medida em que eles, como agentes do poder público, podem ser considerados “cúmplices”, por supostamente corroborarem o provimento de um modelo de educação de qualidade duvidosa.

Como observado, os resultados encontrados estão associados às questões relacionadas às políticas públicas de Educação que impactam na forma de estruturação e organização da escola pública brasileira, bem como ressalta as implicações no comportamento dos estudantes no contexto escolar. Por

hipótese, o contexto precário e defasado da organização da escola pública brasileira impacta na percepção dos estudantes em relação à escola e isso pode explicar, ainda que parcialmente, o problema da indisciplina.

Ao analisar esses fatores, é preciso considerar os aspectos macroestruturais, como as formas de investimentos públicos e as diversas reformas educacionais que vêm sendo feitas nos últimos anos, para não cair em culpabilizações individuais. Como debatido no trabalho, a falta de investimentos na educação pública resulta em um espaço escolar sucateado e sem as condições mínimas para o desenvolvimento de práticas educacionais adequadas e percepções de sentidos ao processo de escolarização. Por fim, ressalta-se a importância de estudos futuros que se aprofundem na compreensão de como fatores estruturais podem interferir, por exemplo, na escolarização a longo prazo. Ou ainda, investigações sobre a organização da escola pública em diferentes localidades, visto que os investimentos também apresentam diferenças a depender da região do país.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; XAVIER, Flavia Pereira. Indicadores multidimensionais para avaliação da infraestrutura escolar: o ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa,** v. 48, n. 169, p. 708-746, jul./set. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/RPBHMz8PjLkkjYHRJvDYfvv/?format=pdf&lang=pt. Acesso em 23 jan. 2023.

AQUINO, Júlio Groppa. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. *In:* AQUINO, Júlio Groppa. (org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.

ASBAHR, Flávia. **"Por que aprender isso, professora?":** Sentido pessoal e atividade de estudo na psicologia histórico-cultural. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ASBAHR, Flávia; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. "Por que aprender isso, professora?" Sentido pessoal e atividade de estudo na psicologia histórico-cultural. **Estudos e Psicologia**, Natal, v. 19, n. 3, p. 169-178, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/sGsCjVC9rthyH5h3TTzjZKn/?lang=pt. Acesso em: 03 fev. 2023.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Básica 2020:** notas estatísticas. Brasília, DF: INEP, 2021.

BRAUN, Virgínia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa. Acesso em: 03 fev. 2023.

DUARTE, Marisa Ribeiro Teixeira; GOMES, Carlos André T.; GOTELIB, Luciana G. Oliveira. Condições de infraestrutura das escolas brasileiras: Uma escola pobre para os pobres? **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 27, n. 70, p. 1-35, 2019. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7434539. Acesso em: 23 jan. 2023.

ESTEVES, José M. Mudanças sociais e função docente. *In:* NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1999. p. 95-122.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 247, p. 534-551, dez. 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/s2176-6681/288236353

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, Paulo Sérgio. Um estudo de caso analisando a infraestrutura das escolas de ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 23, p. 137-159, set./dez. 2014.

GIROTTO, Eduardo Donizeti. Entre o cinismo e a hipocrisia: o novo ciclo de reformas educacionais no Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 71, p. 159-174, out. 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/0104-4060.54043.

GRACINO, Marina Carvalho da Silva *et al*. Psychological and Social Distress of Students Within the Context of a National Literacy Policy in Brazil: a Qualitative Study. Trends in Psychol. **Trends in Psychology**, v. 30, p. 1-21, 2023. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s43076-022-00254-8. Acesso em: 07 fev. 2023.

HARPER, Douglas. Talking about pictures: a case for photo elicitation. **Visual Studies**, Reino Unido, v. 17, n. 1, p. 13-26, 2002. DOI: https://doi.org/10.1080/14725860220137345.

LIBÂNEO, José Carlos. Políticas educacionais no Brasil: desfiguramento da escola e do conhecimento escolar. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 159, p. 38-62, mar. 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/198053143572.

LIEBENBERG, Linda. The visual image as discussion point: increasing validity in boundary crossing research. **Qualitative Research**. v. 9 n. 4, p. 441 – 467, 2009. DOI: https://doi.org/10.1177/1468794109337877

MARIGO, Adriana Ferreira Coimbra. Indisciplina escolar: uma perspectiva crítica. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v. I, v. 2, p. 38-55, ago./dez. 2007.

MARTINS, Lígia Marques. Os fundamentos psicológicos da Pedagogia Histórico-Crítica e os fundamentos pedagógicos da Psicologia Histórico-Cultural. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 130-143, dez. 2013. https://doi.org/10.9771/gmed.v5i2.9705

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

OECD. Organisation for Economic Co-operation and Development. **Teaching and Learning International Survey (TALIS) 2018 conceptual framework**. 2018. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/docserver/799337c2-en.pdf?expires=1597370009&id=id&accname=guest&checksum=B0E7DF76673584BA857868DF21294AEF Acesso em: 07 fev. 2023.

OLIVEIRA, Claudeney Licínio; MÜLLER, Aantonio José. A indisciplina na escola: desafios e transformações. **Educere et Educare**, v. 13, n. 29, p. 1-15, 2018. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/15756. Acesso em: 7 fev. 2023.

PATTO, Maria Helena de Souza. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. De que hoje padecem os professores da Educação Básica?. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 64, p. 71-87, jun. 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/0104-4060.49815.

PESSOA, Alex Sandro Gomes; COIMBRA, Renata Maria. Desafiando noções hegemônicas sobre resiliência e indisciplina no contexto escolar. **Polem!ca** , Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 59-70, abr./jun. 2016. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/polemica/index. Acesso em: 7 fev. 2023.

REGO, Teresa Cristina. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. *In:* AQUINO, Julio. Groppa (org.). **A indisciplina e a sala de aula**: alternativas teóricas e práticas. 18. ed. São Paulo: Summus, 2016. p. 83-101.

SANTOS, Isabela Samogim; PESSOA, Alex Sandro Gomes. Processos de resiliência em universitários com deficiência. *In:* SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA FACLEPP, 2018, Presidente Prudente. **Anais [...]**. Presidente Prudente: FACLEPP, 2018. v. 1, p. 62-63.

SCHNEIDER, Gabriela; FRANTZ, Maíra Gallotti; ALVES, Thiago. Infraestrutura das escolas públicas no Brasil: desigualdades e desafios para o financiamento da educação básica. **Revista Educação Básica em Foco**, v.1, n.3, 2020. Disponível em: https://educacaobasicaemfoco.net.br/02/Artigos/Infraestrutura_das_escolas_publicas_no_brasil_SCHNEIDER-Gabriela_FRANTZ-Maira-Gallotti_ALVES-Thiago.pdf. Acesso em: 23 jan. 2023.

SILVEIRA, Rene José Trentin. A Relação Professor-Aluno de uma Perspectiva Gramsciana. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 97-114, 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/2175-623664512.

SOUTO, Romélia Mara Alves. Egressos da licenciatura em matemática abandonam o magistério: reflexões sobre profissão e condição docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 1077-1092, dez. 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/s1517-9702201608144401.

SOUZA, Davisson Charles Cangussu; VAZQUEZ, Daniel Arias. Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 409-426, jun. 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/s1517-97022015041789.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Escola completa não é luxo**: é direito seu. 2018. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/escola-completa-nao-e-luxo-e-direito-seu. Acesso em: 26 jan. 2023.

VASCONCELOS, Ivar César Oliveira de. Aprender a conviver, sem violência: o que dá e não dá certo?. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 97, p. 897-917, dez. 2017. DOI: Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/H5pvz3d88j7Fbvz7BQCxdfH/?format=pdf. Acesso em: 26 jan. 2023.

VASCONCELOS, Joyciane Coelho, LIMA, Patrícia Verônica Pinheiro Sales; ROCHA, Leonardo Andrade; KHAN, Ahmad Saeed. Infraestrutura escolar e investimentos públicos em Educação no Brasil: a importância para o desempenho educacional. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 113, p. 874-898, out./dez., 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/w9HwRXMQ3FVZ9fzJJKBgLLt/#. Acesso em: 27 jan. 2023.

WORLD BANK GROUP. **Learning to realize education's promise**. International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank, Washington, DC, 2018. Disponível em: https://www.worldbank.org/en/publication/wdr2018. Acesso em: 07 fev. 2023.

Submetido: 21/03/2023
Correções: 05/09/2023
Aceite Final: 19/09/2023